

Experiências Estéticas, Diversidade e Formação Ética no Contexto Escolar

Autora: Jussara de M. Prata Oliveira

Orientadora: Prof.^a. Dra. Ana Flávia Madureira

Resumo

O artigo discute a forma como professores do ensino médio compreendem e vivenciam as experiências estéticas no contexto escolar. O principal objetivo é analisar as possíveis contribuições educacionais dessas vivências na formação ética dos estudantes. Especificamente analisou a visão dos professores/as com relação aos papéis da escola e da família na construção do pensamento crítico e reflexivo dos/as alunos/as e a utilização dessas experiências estéticas na desconstrução dos preconceitos. A pesquisa tem caráter qualitativo, utilizou-se como instrumento roteiro de entrevista semiestruturado e imagens. Foram entrevistados individualmente 3 professores/as da rede pública do DF de forma on-line devido a pandemia covid-19. Para a análise dos relatos, foram criadas 3 categorias analíticas: a) As experiências estéticas em discussão: O “Olhar” dos/as professores/as entrevistados/as; b) As potencialidades educacionais das experiências estéticas na desconstrução de preconceitos e c) O papel da escola e da família na formação ética das novas gerações. Os resultados obtidos demonstram a importância das discussões a respeito dos preconceitos no contexto escolar e quanto à utilização da arte pode colaborar na desconstrução deles. A pesquisa indica necessidade de melhor orientação e apoio institucional aos professores/as com relação a temáticas discriminatórias, incentivo a mais pesquisas dentro do contexto escolar e o posicionamento da psicologia, em especial a escolar, na luta contra o preconceito dentro das escolas. Pois as escolas têm o dever e a responsabilidade de transformar o ambiente escolar em um local de inclusão e respeito, promovendo uma cultura de paz.

Palavras-chave: Preconceito, inclusão, professores, contexto escolar, experiências estéticas.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tão pouca a sociedade muda.”
Paulo Freire*

A diversidade e a inclusão são temas relevantes, principalmente no que se refere ao contexto escolar. Essas questões estão diretamente relacionadas aos estereótipos e aos preconceitos, devido à escola ser o contexto em que as crianças normalmente têm seu primeiro contato com a diversidade do mundo e muitas vezes elas já carregam consigo algum tipo de preconceito.

É comum no contexto escolar se discutir inclusão referindo-se apenas a alunos/as com necessidades especiais, especificamente crianças e adolescentes com deficiências, mas é preciso pensar o processo de inclusão com maior abrangência e cuidado até porque deve se considerar todo e qualquer grupo que possa estar sofrendo discriminação, em termos étnico-raciais, de religião, de identidades de gênero entre outras formas de discriminação.

Segundo Heller (1989 citada por Cordeiro & Buendgens, 2012), o preconceito se engendra em nossa sociedade através de categorias do pensamento e do comportamento cotidiano, mas que mesmo fazendo parte do cotidiano não devem ser naturalizados. Considerando que os preconceitos estão diretamente relacionados às diferenças, Brandão (1986 citado por Gusmão, 2003, p.4) considera que “o diferente e a diferença são partes de uma descoberta de um sentimento que armado, pelos símbolos da cultura, nos diz que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”. Então, é possível perceber que a forma como nos vemos, como acreditamos que somos, e com quem convivemos nos faz entender o outro e a nós mesmos, isso faz parte do processo de construção identitária de cada um.

Gusmão (2003), também, explicita que as diferenças são construídas historicamente nas relações sociais e em todos os contextos em que vivemos principalmente nas relações de poder exercidas pelas famílias e, pelas escolas. A vida em sociedade pressupõe o reconhecimento das multiculturas, das diversidades, das complexas transformações nos modos de produção social, que atualmente são perpetuadas e atualizadas mais rapidamente pelas tecnologias através das redes sociais, afetando diretamente o convívio social dentro das escolas.

Portanto, é importante considerar que, se relacionar com as diferentes culturas, raças, religiões e gêneros podem levar a quebra desse ciclo de poder e colaborar com a

construção de uma sociedade mais igualitária, justa e ética, onde a psicologia, em especial a escolar, tem o dever ético de ser o apoio e o sujeito de efetiva transformação social junto com os professores. (Myers, 2014)

Com isso, o problema de pesquisa foi compreender como os professores/as focalizam as concepções, crenças, valores e os papéis da escola e da família sobre questões relativas ao preconceito e a diversidade na construção ética dos alunos/as? Se eles utilizam ou não das experiências estéticas na abordagem dessas temáticas? Se sim, como as utilizam visando à inclusão social?

Diversidade e inclusão escolar

A diversidade no contexto escolar é fato, mas a inclusão não. É comum se pensar em inclusão somente com relação a deficientes, mas é importante que se perceba que existe discriminação em termos étnico-raciais, de identidades de gênero, de orientação sexual e religião e todos esses grupos também precisam ser respeitados e incluídos.

Muito além da aceitação dessas diferenças, a questão das relações de poder que desqualificam os sujeitos e suas identidades devem ser consideradas para que se possa realmente se pensar em inclusão. Identidades essas, que são construídas através da imitação de padrões historicamente impostos, e que são de certa forma, importantes para a continuidade da sociedade, mas que devem sim, ser constantemente adaptados e atualizados no meio cultural, demonstrando a capacidade de atualização dos seres humanos. (Valsiner, 2012)

De acordo Moreira e Câmara (2013, p. 43) “O que somos se define em relação ao que não somos”. Por isso, é imprescindível compreender essas diferenças, aceitá-las e respeitá-las, até porque existe uma gama de aspectos identitários que se distinguem, mas também que nos unem permitindo o estabelecimento de vínculos e compartilhamento de valores e propósitos colaborando efetivamente com a inclusão escolar.

Processos identitários e preconceitos

O preconceito não é apenas um conceito prévio, mas sim um modo de pensar atravessado pela cultura, é um julgamento prévio, normalmente negativo, com relação a um grupo ou alguém, é uma atitude carregada de sentimentos que podem levar a discriminação tornando-se a base fundamental da exclusão. Sua complexidade é

sustentada pelas crenças negativas, que são as generalizações, normalmente exageradas e equivocadas que muitas vezes tem a intenção de afastar e excluir. Myers (2014)

É na cultura que estão engendrados os estereótipos e preconceitos, ou seja, ambos têm uma gênese cultural. Eles são mantidos muitas vezes pelas escolas, que não colaboram com a desconstrução de padrões estabelecidos e perpetuados ao longo da história da humanidade. Já o processo identitário não dependem só do sujeito, mas de toda uma relação com o outro e com a cultura, o contexto social e relacional, é à base desses processos. De acordo com Woodward (2000, p.12) “A identidade é relacional e a diferença é estabelecida por marcações simbólicas relativamente a outras identidades”. São essas marcações que dão sentido às práticas e as relações sociais, porque o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. (Woodward, 2000)

Madureira e Branco (2012) e Mello (1999), discutem sobre identidade social, e destacam que os processos identitários funcionam como coordenadas culturais, que orientam de diferentes formas a constituição da subjetividade em direção à resistência ou até mesmo da reprodução de padrões culturais. Com isso, algumas diferenças se tornam significativas e outras nem tanto, tornando possível se posicionar nas relações com os diversos grupos sociais. Mas esses processos transpassados pela cultura, também se tornam complexos, pois ao mesmo tempo que, as relações e a aceitação dos grupos são partes constitutivas dessa identidade o sujeito também precisa buscar sua individualidade e isso é bem contraditório. (Sawaia, 2014)

O papel da família, da escola e dos professores/as na construção da identidade dos alunos/as

É possível constatar, então, que a construção da identidade se inicia na família, e continua em todos os contextos sociais, em especial na escola. Portanto, devemos considerar o papel do/a professor/a como fundamental, onde ele/a ensina tanto com o que ensina quanto com o que não ensina, ficando assim, evidente sua importância na construção da identidade dos/as alunos/as. (Bohoslavsky 1997). Com isso, podendo considerar que o papel dos professores/as, podem perpetuar velhos e conhecidos comportamentos discriminatórios ou não. Mas também, podem e devem instigar o pensamento reflexivo e posicionamento ético de seus alunos/as atuando na desconstrução desses comportamentos dentro e fora da escola.

Com relação à construção da própria identidade, bem como do sentimento de pertencimento e de identificação, existem inúmeras influências de todas as instituições em que o sujeito está inserido e de como ele significa sua presença e a dos outros nesses ambientes. No ambiente escolar, esse sentimento de pertencimento é fundamental e diante da sensação de não ser aceito pelo grupo, o aluno/a sente na pele a exclusão. (Galinkin & Zauli 2011)

Uma pesquisa realizada com estudantes por Marques e Castanho (2011) constatou que a princípio ir à escola consiste em ter um futuro melhor, mas quando os/as alunos/as não aprendem, o processo educacional se torna negativo levando a um sentimento de rejeição e desqualificação, isso se dá pela incapacidade da escola de lidar com as diversidades e as diferenças.

Diante disso, é possível que as influências do contexto escolar relacionadas à manutenção de preconceitos estejam sendo utilizadas como ferramenta de exclusão e controle. Percebe-se, então, que a relação professor/a aluno/a exige de ambos uma abertura para o novo, para o diferente. Manter-se paralisados em currículos escolares arcaicos e manter-se na posição de detentor do conhecimento, evitando discutir temáticas que abordem as diversas formas de preconceito e discriminação, é no mínimo posições divergentes e excludentes. As diferenças são constitutivas do processo de educação e precisam sim, serem identificadas, abordadas e valorizadas. (Moreira & Câmara 2013)

Combater todo tipo de discriminação nas escolas se faz necessário porque nelas os/as alunos/as são influenciados/as pelos modos de pensar e de agir em sociedade, ao mesmo tempo, que a escola é responsável pelas transformações sociais e por construir caminhos para valorização da diversidade. A escola tem uma missão na formação de pessoas com pensamento crítico e reflexivo, que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e valorizadas e nunca utilizadas como critérios de exclusão social e política. (Carrara 2009).

Por isso, o papel da escola, dos professores/as e das famílias na desconstrução dos preconceitos e construção pensamento ética dos alunos/as é de suma importância. De acordo com Demo (2005) uma sociedade humana ética seria aquela onde as pluralidades das pessoas pudessem conviver em relativa harmonia e conflito de maneira que o bem comum prevalecesse. Pois, se na escola, o sujeito aprender a respeitar e viver em harmonia com essas diferenças, sejam elas quais forem, o legado desse aprendizado

pode ultrapassar os muros da escola e modificar o contexto histórico-cultural em que ele se encontra inserido, podendo desconstruir estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade.

Experiências estéticas: A arte como ferramenta educacional

Utilizar a arte como ferramenta educacional para desconstrução de preconceitos e crenças estereotipadas é um caminho fértil na busca para entender as formas de expressão das culturas, das individualidades, da diversidade, além de ampliar os horizontes e permitir a reflexão.

Desse modo, compreendemos que a arte é uma forma de equilíbrio nas interações entre o organismo e o meio, pois os sentimentos que são provocados pelo “fazer” arte ou pela apreciação de uma obra artística, superam os sentimentos comuns. (Vigotski 1970/2007 citado por Madureira 2016). Por exemplo, quando estamos tristes e escutamos uma música e ela nos toca profundamente, ou quando apreciamos uma pintura e essa nos remete ao nosso passado ou até mesmo ao que estamos vivendo.

O tempo todo, atribuímos significados ao que vemos, ouvimos e sentimos, e dessa forma nos relacionamos com o mundo. O ser humano precisa atribuir significado às suas vivências, e não é só através da linguagem verbal que ele o faz, mas com todos os seus sentidos (visão, audição, olfato, tato) e as imagens enquanto ferramentas educacionais podem estimular o sujeito a refletir sobre o cotidiano e contribuir com a promoção de debates. Portanto, a arte demonstra em todos os sentidos que é uma poderosa ferramenta de construção de significados, e através dela pode-se inclusive, afetar e modificar visões e comportamentos discriminatórios enraizados em todos os contextos. (Madureira 2016)

Então, os objetivos da pesquisa realizada são:

Objetivo geral:

Analisar as possíveis contribuições educacionais da vivência de experiências estéticas na formação ética de estudantes no contexto escolar a partir da perspectiva de professores/as.

Objetivos específicos:

- Compreender como as experiências estéticas são percebidas no contexto escolar a partir da perspectiva de professores/as.

- Compreender as potencialidades da arte (experiências estéticas), na abordagem de temáticas relacionadas a preconceitos, bem como na promoção de experiências de inclusão e respeito às diversidades no espaço escolar.

- Analisar a visão de professores/as com relação aos papéis da escola e da família na construção do pensamento crítico e reflexivo, bem como, em um sentido mais amplo, na formação ética dos/as alunos/as.

Método

Na presente pesquisa utilizou-se o método qualitativo, que é uma proposta epistemológica que tem como fundamento no campo das pesquisas sociais, responder questões particulares, visando compreender os significados, os motivos, as atitudes e as crenças, que são fenômenos humanos que fazem parte da realidade social.

Para a realização da investigação, utilizou-se a entrevista semiestruturada que é uma técnica muito utilizada em pesquisas qualitativas, que permite o pesquisador demonstrar interesse nas vivências e nas histórias dos participantes com relação ao objetivo da pesquisa, permitindo uma análise mais aprofundada.

Também foram utilizadas imagens enquanto ferramentas metodológicas, que auxiliaram na canalização cultural das vivências e experiências, além de compreender mais profundamente os sentimentos, o pensar e o agir em relação à imagem e, o significado que os participantes dão ao que sentem. De acordo com Madureira (2016) imagens são instrumentos muito enriquecedores e tem o poder de dar vazão a muitas questões que ficam superficiais nas entrevistas.

Participantes

Participaram da pesquisa professores/as da rede pública do DF. Os nomes apresentados a seguir são fictícios. O professor “Rafael” se apresenta como homem, cisgênero, negro e gay, criado na religião Católica, mas hoje não frequenta, se considera espiritualizado, tem 43 anos, trabalha a 23 anos na SEDF (Secretária de Educação do Distrito Federal), atuou inicialmente nas séries iniciais ensino fundamental e nos últimos 10 anos no ensino médio como professor de língua portuguesa. Ele agora trabalha na Escola de Aperfeiçoamento Professores (EAP) que é uma subsecretária de formação continuada dos profissionais da educação do DF, elaborando e ministrando cursos.

A professora “Ana” se apresenta como mulher, heterossexual, parda segue religião Católica, mas também tem influências kardecistas na família, tem 51 anos, trabalha a 24 anos na SEDF de onde se aposentou ano passado. Permanece ainda lecionando em outra escola, dando aulas de Geografia para o ensino médio. A terceira participante é a professora “Sandra” que se apresenta como mulher, heterossexual, parda segue a religião Batista, tem 48 anos, trabalha na SEDF há 30 anos na mesma escola, como professora de português.

Materiais e instrumentos

Os materiais utilizados foram um computador, o gravador do celular, papel e caneta. Os instrumentos foram a plataforma de reunião Google meet, o roteiro de entrevista semiestruturada, seis imagens e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Procedimentos de construção das informações

Elaborado o roteiro de entrevista e selecionadas as imagens, em seguida, foram submetidos ao comitê de ética CEUB e aprovados. As entrevistas foram realizadas de forma virtual, através da plataforma Google meet, individualmente em dia e horário agendado com antecedência, buscando manter os protocolos de segurança por causa da pandemia de Covid19.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido foi enviado por e-mail e confirmado o consentimento no momento da entrevista. Também foi enfatizado que os nomes seriam mantidos sob sigilo e substituídos por nomes fictícios e que a gravação seria utilizada apenas para transcrição das entrevistas.

Procedimentos de Análise

Inicialmente, as entrevistas foram transcritas e a partir dos objetivos e dos temas relevantes que emergiram durante a mesma, buscou-se uma análise aprofundada das falas e expressões dos participantes com relação à temática da pesquisa, permitindo assim, atingir os objetivos. Através da análise de conteúdo que segundo Minayo (2016, p.76) “é um método que busca o que está por trás, dos conteúdos manifestos indo além das aparências do que está sendo descrito”. Foi possível, a partir das transcrições e agrupamento das informações mais relevantes, descobrir núcleos de sentido, onde a

presença e a frequência significam algo para o objetivo analítico da pesquisa. (Bardin, 1979 citado por Minayo, 2016).

As categorias analíticas temáticas construídas são:

- As experiências estéticas: O “Olhar” dos professores/as entrevistados/as;
- As potencialidades educacionais das experiências estéticas na desconstrução de preconceitos;
- O papel da escola e da família na construção ética das novas gerações.

Resultados e Discussão

As discussões dos resultados foram organizadas a partir das três categorias analíticas já mencionadas, buscando com isso, compreender e analisar os pontos mais relevantes das entrevistas. Vale ressaltar que os nomes utilizados aqui são fictícios, preservando assim o sigilo na pesquisa.

As experiências estéticas em discussão: O “olhar” dos/as professores/as entrevistados/as.

O olhar diferenciado para as experiências estéticas, compreendendo o seu potencial e, entendendo como utilizar-se delas na mobilização de discussões sobre várias temáticas, principalmente relacionadas a preconceitos, é realmente importante. De acordo com Madureira (2016, p.63) “O objeto artístico é um artefato cultural produzido para a criação de experiências estéticas”. Neste sentido, podemos considerar que as experiências estéticas podem servir como recurso humanizador e educativo dos sentidos e das emoções, buscando a transformação do sujeito em todos os contextos. A autora também destaca que “somos a única espécie no nosso planeta que produz arte. Tal particularidade está profundamente vinculada ao fato do ser humano ser, por excelência, um animal simbólico.” (Madureira 2016, p.59)

Portanto, utilizar da arte como ferramenta educacional na desconstrução de preconceitos e estereótipos e na construção do pensamento crítico e ético dos sujeitos é uma forma criativa e com poder de reflexão. Então, diante das respostas dos/as participantes, é possível perceber um “olhar” diferenciado, ou seja, os participantes consideram essas experiências, importantes e construtivas em termos de reflexões acerca das temáticas sobre preconceito e diversidade. Segundo o professor Rafael:

“Para algumas pessoas a arte pela arte vai fazer com que elas se indaguem, se questionem. Outras precisam da arte e de alguém que provoquem instabilidades, discussão. Acho a arte super válida para essas reflexões”.

A importância da arte no contexto escolar é justamente o seu potencial de promover a contemplação, reviver experiências vividas, sentimentos e emoções. É um processo que leva o sujeito a reflexões mais profundas, levando-o a questionar seus pré-conceitos e atitudes e com isso, como é discutido por Vigotski (1925/1999 citado por Souza, Dugnan & Reis 2018), ocorre um curto-circuito no psiquismo. Esse curto-circuito é a objetivação de sentimentos muitas vezes escondidos na esfera intrapsicológica (o indivíduo e ele mesmo) e na esfera interpsicológica (os indivíduos nas suas diversas relações interpessoais e no contato com o mundo social). A percepção, a emoção, a criatividade e a imaginação também são citadas por Vigotski como processos psicológicos em estreita relação com a arte (Vigotski 1999 citado por Barroco & Superti 2014).

A arte como ferramenta educacional favorece as práticas de inclusão, isso fica perceptível em uma das falas da professora Sandra: *“Eu vejo a arte como uma ferramenta muito, muito importante e de uma utilidade incrível para abordar principalmente temáticas relacionadas ao preconceito e diversidade, com ela a inclusão vem de lambuja.”* A expressão *lambuja* na fala da professora, demonstra o quanto à arte pode enriquecer as práticas pedagógicas, pois muitas vezes através dela as pessoas acabam se conscientizando das suas ações, modificando seus comportamentos e se tornando pessoas melhores.

Isso nos permite compreender que a utilização das experiências estéticas (arte) e de diferentes linguagens, além da verbal, como ferramentas educacionais, se configura como um caminho fértil na desconstrução de padrões pré-estabelecidos, e tal reconhecimento, vindo dos professores/as entrevistados/as, demonstra uma direção pautada na construção de vínculos empáticos no contexto escola e na promoção de uma sociedade democrática e autônoma. (Madureira & Branco 2015)

As potencialidades educacionais das experiências estéticas na desconstrução de preconceitos

Diante desse “olhar” compreensivo mencionado na subseção anterior, percebe-se nitidamente, que os entrevistados/as consideram essas experiências estéticas de suma importância para trabalhar a desconstrução de preconceitos, que estão diretamente

relacionados com as diferentes identidades sociais, historicamente discriminadas. De acordo com Moreira e Câmara (2013), o foco na identidade no âmbito escolar revela-se indispensável, pois é necessário entender de que forma o processo pedagógico pode alterar essa identidade já que o contexto escolar é fundamental nessa construção identitária. Na escola os/as alunos/as aprendem a atribuir significados e a agir socialmente, além de desenvolver-se pessoalmente e de adquirir consciência de si como indivíduo e cidadão.

Woodward (2000) complementa que a identidade é caracterizada pela diferença e a marcação da diferença é crucial no processo de construção das identidades. A autora também considera que essa construção pode se tornar negativa gerando exclusão, mas também pode ser muito positiva se tornando fonte de diversidade, heterogeneidade enriquecendo assim as relações. Mas essas diferenças estão entrelaçadas ao contexto sócio-histórico-cultural em que o sujeito está inserido, especialmente na escola, e muitas dessas diferenças se tornam motivos para exclusão. O professor Rafael afirma que:

“Para mim, uma das maneiras mais produtivas que a gente tem de acionar as experiências das pessoas é através das manifestações artísticas, especialmente quando a gente pensa em escolas periféricas é possível o acesso aos bens de cultura, de produção, como teatros, museus, (...) é importante que essas pessoas possam ocupar esses espaços, que é outra discussão com relação às cidades, que espaços são para todos e que espaços são só para alguns?”

De acordo com os dados do sistema de informações e indicadores culturais do IBGE de 2019¹, 44% das pessoas pretas e pardas vivem em cidades sem cinemas, contra 34% da população branca, 37% em cidades sem museus, contra 25% dos brancos. Além de mais de um terço das crianças e adolescentes pardas e negras de até 14 anos, que também não tem nenhum acesso a esse tipo de lazer cultural.

Isso demonstra que as diferenças raciais e regionais, mesmo dentro de uma mesma cidade, influenciam muito no acesso às expressões artísticas, como exemplificado pelo professor Rafael, a escola pode e deve oferecer esse acesso, mesmo que na forma de apresentações no próprio contexto escolar, de parcerias e de passeios aos espaços culturais mais próximos.

¹ Pesquisa IBGE sobre acesso à cultura 2019: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/ibge-diferenca-de-acesso-cultura-esta-relacionada-cor-e-regiao>

Todos os entrevistados/as consideram o papel transformador da arte no contexto escolar. Através de projetos e dinâmicas envolvendo música, teatro, literatura, poesia, paródias, filmes, desenhos, batalha de rimas e grafite na escola eles/as conseguem envolver alunos/as e, muitas vezes, até as famílias. Onde a participação nas discussões levantadas nos projetos, ampliam o pensamento reflexivo demonstrando assim o quanto essa ferramenta educacional tem um potencial inigualável. Percebe-se isso na fala da professora Sandra:

“Eu já pedi trabalhos para os meus meninos envolvendo paródias, é uma forma de trazer essas experiências deles em forma de arte, de atividades voltadas para consciência negra, para o machismo, sexismo (...) eles fizeram batalhas de rimas, (...) tem uma poética incrível nesses textos, eles produzem de uma forma muito ágil, demonstram uma habilidade enorme com as palavras, você oferece um tema e a produção é instantânea é incrível, é muito artístico”.

Vigotski (1925/1999 citado por Souza, Dugnan & Reis 2018) compreendia a arte como uma linguagem que tem sua gênese nas relações sociais e que apresenta como peculiaridade a potência de afetar os sujeitos pela via do sensível. Essa via é exemplificada na profundidade poética das produções artísticas feitas pelos alunos/as e comentadas e admiradas pelos/as professores/as. As autoras ainda completam afirmando que, essas formas de expressões artísticas podem promover o estranhamento do real, que é condição essencial para a atribuição de novos significados e sentidos em relação ao vivido.

O desenvolvimento psicológico das pessoas está profundamente vinculado às suas relações com a realidade do mundo social e, as experiências estéticas podem contribuir na construção e formação da sua identidade. A arte como instrumento pedagógico pode promover o poder de reflexão, pensamento e ação, isso porque tem o potencial de emergir a clareza dos sentimentos e das emoções favorecendo a compreensão e a empatia para com os outros.

De acordo com Silva (2004, p.188), “Um aspecto a ser considerado é o convite que a obra de arte faz ao fruidor para que ela possa existir”. O envolvimento exigido ao observar uma obra de arte, faz com que o sujeito entre em contato com a sua história de vida, seus pensamentos, percepções, sentimentos e valores, possibilitando uma ampliação nas vias do sensível. A arte transforma, aguça a criatividade, liberta, permite

expressões criadoras onde emergem elementos da subjetividade podendo constituir novas formas de relação. (Barroco & Superti, 2014)

Na expressão do professor Rafael diante de uma das imagens apresentadas na entrevista, em que várias formas artísticas como, teatro, dança, literatura e música estavam sendo expostas em uma escola, ele diz:

“Me sinto muito esperançoso, quando vejo esse tipo de manifestações sabe, porque ali tem várias narrativas sendo contempladas, e convivem com certeza com seus conflitos, mas também com suas potencialidades. Vejo manifestações diferentes, mas todas legítimas, dança, poesia, teatro, música e todas elas deveriam ser acessíveis a todas as pessoas”.

Mesmo destacando o potencial da arte e, como essas manifestações são importantes na desconstrução de preconceitos. Algumas falas, principalmente com relação às imagens apresentadas, trouxeram à tona sentimentos que podem ser interpretados como preconceitos implícitos e, muitas vezes, automáticos. Como por exemplo, na expressão da professora Ana com relação à imagem apresentada com figuras de personagens épicos de histórias em quadrinho, como o Superman, Homem Aranhas e outros, formando casais heterossexuais, gays e lésbicas se beijando, ela diz: *“Isso me choca (beijos entre pessoas mesmo sexo), não vou mentir para você, prefiro os casais normais”.*

A professora Sandra diante da mesma imagem também afirma: *“Eu procuro respeitar, eu não concordo, mas entre não concordar e desrespeitar é outra coisa”.* Já o professor Rafael, que é gay, diante da mesma imagem expressa: *“Eu enxergo vários arranjos afetivos que são todos legítimos (...) acredito ser necessária essas demonstrações para que a gente enxergue os afetos nas suas singularidades, pois aí tem arranjos heterossexuais, homoafetivos e tá tudo certo! Vejo só amor”.*

De acordo com estudo feito por Madureira (2000), o preconceito e a discriminação com relação as identidades sexuais não hegemônicas constituem em sofrimento psíquico nos sujeitos que apresentam orientações sexuais diferentes da heterossexualidade, e perceber que os próprios professores/as também demonstram atitudes preconceituosas, e evitam falar sobre, torna o ambiente escolar um local adoecedor. (Madureira & Branco 2015)

Já a questão do preconceito implícito, sua manifestação está em um nível do pensamento que é desconhecido até mesmo pelo sujeito que age de forma

discriminatória. Ou seja, a pessoa influenciada pelo preconceito implícito não tem consciência de que está praticando uma discriminação, mas a sutileza desse preconceito o torna ainda mais generalizado, aparecendo nas escolhas e preferências pelo que é conhecido, semelhante e “confortável” aos olhos.

Os preconceitos não são construções individuais, eles ocorrem nos diversos contextos sociais e educacionais e seria de certa forma ingenuidade acreditar que existe alguém que não tenha preconceito. O reconhecimento a respeito do preconceito é uma forma de abrir espaços de diálogo e mudança. (Myers, 2014; Pérez-Nebra & Jesus, 2011). A professora Sandra exemplifica situações em que o preconceito pode estar sendo transmitido de forma implícita, como:

“Mas é claro que tem circunstância, que mesmo você não concordando, você se opondo elas acabam passando sabe! São palavras do dia a dia tipo “denegrir alguém” isso é uma forma de preconceito, mas são situações que às vezes a gente ainda propaga sem perceber, a gente acaba sendo o construtor, ajudando a propagar isso”

A falta de percepção e, também, de intenção de prejudicar o outro através do preconceito implícito não o torna menos prejudicial a quem é alvo, normalmente as crenças igualitárias costumam ser sinceras, e suas atitudes, de um modo geral, não são discriminatórias. Marmelstein (2016) explicita sobre o preconceito racial, compreendendo que as categorizações e os estigmas raciais foram socialmente construídos ao longo de séculos de dominação ancorados em princípios da branquitude e da heteronormatividade, portanto fazem parte dos esquemas mentais da maioria das pessoas, mesmo que muitos não se considerem preconceituosos.

Isso fica perceptível com a preocupação da professora Sandra em não propagar palavras depreciativas e discriminatórias. Pérez-Nebra & Jesus (2011 p.222) afirmam que, “a diferença entre o preconceito implícito e explícito, talvez esteja em saber que ele existe, como se manifesta, os males que causa e estar sempre atento para evitá-lo e até transformá-lo”. Portanto, é importante que discussões sobre preconceito e diversidade estejam presentes em sala de aula e utilizar da arte, em todas as suas formas, como ferramenta educacional, pode colaborar efetivamente com a desconstrução de preconceitos implícitos e explícitos.

O papel da escola e da família na formação ética das novas gerações.

A formação identitária do sujeito engloba os vários contextos em que ele está inserido, mas a escola e a família, nas sociedades contemporâneas e letradas, são as principais. A educação, seja no contexto escolar como familiar, é um patrimônio que mantém viva uma cultura. De acordo com Tunes (2013 p.11) “a educação é sempre luta, drama. Tensão entre duas forças antagônicas – o passado e o futuro – e que se manifesta num intervalo chamado presente: desencadeia-se em razão de necessidades culturais.”

Então, é através fundamentalmente da família e da escola, enquanto contexto educativo, que as novas gerações podem ser transformadas e a sociedade pode se tornar mais igualitária e inclusiva. De acordo com Mello (2014 p.124):

“Identidade é conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes (...) o clamor pela identidade, quer para negá-la, reforçá-la ou construí-la é parte do confronto de poder e dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação de direitos e pela afirmação de privilégios.”

Tal conceito nos permite compreender a importância que a família e a escola têm na construção social e o quanto a negação de direitos da maioria e a afirmação de privilégios da minoria distanciam toda uma sociedade, que em sua Constituição Federal, tem como princípio fundamental a igualdade de direitos.

Nas falas dos/as professores/as entrevistados/as, é considerado importante que essa construção ética do sujeito seja sempre em conjunto com a família, e não somente responsabilidade da escola. De acordo Tunes (2013) trazer a crianças à existência impõe uma dupla obrigação a todas as sociedades. A criança é apresentada a um mundo já existente, primeiramente pela família. O adulto, por meio da educação, tem a responsabilidade pela vida e, também, pelo desenvolvimento da criança. Portanto, é importante que ações que envolvam as famílias nas discussões e projetos escolares sobre preconceitos sejam incentivadas.

Vigotski (2003 citado por Tunes 2013), compreende que os conteúdos escolares são meio e não fim. Para a autora os/as professores/as deveriam realizar o exercício do pensar, a teoria mediante o seu repensar da prática, não permitindo que o método esteja a frente do processo, propondo atividades que supram as necessidades de seus alunos/as em uma dinâmica interna, possibilitando o desenvolvimento. As necessidades são

criadas pelos vínculos estabelecidos nas relações e não pelos conteúdos em si. Por isso, o papel do professor/a pode se tornar fundamentalmente libertador, e ao mesmo tempo perigoso.

Mas, com relação à construção identitária dos alunos/as, existe uma linha tênue entre os papéis da escola e da família, como explicitado pelo professor Rafael: *“A primeira socialização, os primeiros valores todos esses são passados pela família porque quando a criança chega aos 6 anos na escola ela não é uma folha em branco”*. Também exemplificado na fala da professora Sandra quando diz: *“É um trabalho coletivo, que não adianta a escola ficar de um lado fazendo um trabalho e a família lá distante, onde cada um está indo num rumo diferente”*.

Percebe-se também o quanto questões relacionadas a preconceitos são difíceis de serem abordadas e pode causar muitos desconfortos em sala de aula, como bem exposto pela professora Ana: *“Atualmente eu acho que está tendo muita politização disso sabe! (gênero sexual e religião) Você não pode emitir a sua opinião com relação a um determinado assunto, que você já vira comunista, ou que você está direcionando os alunos.”*

Então, fica claro que a escola como instituição social que é, não está alheia ao contexto social que está inserida, e ao evitar discussões com relação a preconceitos e diversidade, colabora com a manutenção da desigualdade e exclusão. Mas por outro lado, ao proporcionar mais diálogos e reflexões que possibilitem os processos de conhecimento e transformação do pensamento reflexivo dos/as alunos/as colabora efetivamente com a desconstrução dos preconceitos e discriminações. (Barreto, 2016). Um exemplo significativo é o do professor Rafael exemplificando como intervêm em discussões em sala de aula relacionadas a situação de discriminação:

“A minha primeira pergunta era sempre “Por quê? (ex: aluno chama o outro de burro ou gay), por que ele é isso? Tem que ter uma explicação já que está falando isso quero que me explique? Se eu deixo de discutir e intervir eu estou tomando um partido, eu poderia fazer isso, ou fazer o que eu sempre fiz, parava aula discutia com os envolvidos e a turma toda. Dependendo chamava até os pais, mas muitas vezes os pais ainda diziam: mas ta certo, isso não é coisa de homem!”

De acordo com o exemplificado, é possível perceber a importância do professor/a nesses momentos. Pérez, Nebra & Jesus (2011) explicam que o sistema

cognitivo é ativado automaticamente, quando tomamos decisões baseadas em estereótipos, são crenças normalmente disseminadas culturalmente. Portanto, a depender da postura do professor/a diante de atos de discriminação em sala de aula, ele/a demonstrará uma desconsideração e reforçará tais comportamentos.

Diante da compreensão da complexa dinâmica de uma sala de aula e dos contextos sociais onde cada um/a dos/as entrevistados/as trabalham, é possível perceber que mesmo com tamanho engajamento, e importantes projetos desenvolvidos nas escolas citados por eles/as, ainda assim a família exerce um papel fundamental.

Os entrevistados/as sempre buscam desenvolver o pensamento crítico e reflexivo nos alunos/as, buscando com isso que eles desenvolvam autonomia e responsabilidade, mas o envolvimento familiar é importante para que realmente seja possível sonhar com uma sociedade melhor. Pois, conforme é discutido por Madureira & Branco (2015) a sociedade é um terreno político perpassado pela tensão entre a manutenção do *status quo* e a promoção de mudanças, e a escola tem papel estratégico nessa mudança e na formação das novas gerações.

A visão com relação a essa mudança de *status quo* é ilustrada na fala do professor Rafael ao abordar seu trabalho atual na Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação - EAPE (SEDF), onde ele elabora e ministra cursos relacionados à diversidade, gênero e sexualidade, ele explicita:

“Se a gente pensa na construção de contradiscurso é importante que se faça alianças, essas alianças são internas e externas também. Eu penso muito que nós todos somos agentes sociais, e como agentes sociais temos a capacidade criativa de meio que “burlar” a estrutura social que nos constrange o tempo inteiro”.

Na fala do professor Rafael, ele demonstra o esforço constante para atualizar e contribuir com a promoção de mudanças nesses discursos dos profissionais da educação. Entretanto, infelizmente, ainda são poucos/as os/as professores/as que se interessam pelo assunto, já que esses cursos não são obrigatórios. Quando ele fala em “burlar” as estruturas sociais é justamente tentar, mesmo que minimamente, alterar esses discursos discriminatórios. Ele completa informando que:

“Geralmente os professores que procuram os cursos de ‘Eixos transversais educação em/para direitos humanos’, são os que percebem que existem contradições na escola, e que essas contradições acabam minando

determinadas pessoas(...). Então a gente já tem um público, que tem uma disponibilidade, uma sensibilidade maior.”

O professor Rafael também considera fundamental que, nos contextos universitários, essas temáticas sejam abordadas e discutidas de forma que os profissionais saiam para o mercado de trabalho, independente da profissão, mas principalmente os/as educadores/as, preparados/as para lidar de forma respeitosa com a diversidade que constitui o mundo. De acordo com Madureira, Barreto & Paula (2018, p.139), “inúmeros indicadores estatísticos demonstram, claramente que há, sim, profundas desigualdades entre diferentes grupos sociais”, e não falar sobre essas diferenças é colaborar com a manutenção desse *status quo*, é falar de igualdade excluindo os que não são iguais em uma sociedade profundamente desigual.

Madureira & Fonseca (2020, p.106) pontuam que “a escola necessita ser um espaço de efetivação de direitos e de constituição de cidadãos/ãs, e mais ainda, de seres humanos que saibam respeitar outros seres humanos”. Com isso, podemos perceber a importância de se saber como manejar certos conteúdos, de ampliar o olhar e poder fazer diferença na construção ética dos sujeitos, modificando, de alguma forma, os caminhos da sociedade como um todo.

Considerações Finais

Diante da trajetória em busca da compreensão histórica do preconceito e quanto à escola tem papel fundamental, colocando aqui em evidência o professor/a, buscou-se o resgate das teorias que demonstram que as diferenças são construtivas e que o contexto escolar tem papel fundamental, e muitas vezes, é o primeiro contexto em que as crianças se deparam com as diferenças. Diferenças essas que causam curiosidade, estranheza, medo e muitas vezes conflitos, por esses e outros vários motivos o papel do/a professor/a surge como mediador e colaborador importante da construção identitária dos alunos/as.

Então, percebe-se que, é necessário trabalhar a desconstrução dos preconceitos nos professores/as e, também, de se pensar em ferramentas educacionais, que possam auxiliá-los/as no processo de desconstrução dos próprios preconceitos e dos seus alunos/as.

Compreende-se, então, o quanto as experiências estéticas (arte) têm o poder na desconstrução desses padrões pré-estabelecidos, e fundamentalmente podem contribuir

como ferramenta educacional visando à ampliação do pensamento crítico e reflexivo dos alunos/as, colaborando com a construção ética das novas gerações.

Percebeu-se, que os participantes da pesquisa demonstraram, de certa forma, entender e utilizar da arte como ferramenta educacional, mas que mesmo entendendo a importância de utilizá-la na desconstrução de preconceitos, alguns deles/as, ainda demonstram resistência com relação às temáticas que envolvem práticas discriminatórias, principalmente com relação à diversidade sexual e à religião.

É possível constatar que os/as participantes compreendem que essa ferramenta ajuda na compreensão e aceitação das diferenças e na construção de um pensamento reflexivo e empático, mas que eles/as também precisam ser mais bem orientados/as e apoiados/as diante das situações que envolvam discriminação.

Foi possível compreender diante da análise, que a relação escola/família é uma relação tênue e que muitas temáticas relacionadas a preconceitos, principalmente com relação ao sexismo, homofobia e fundamentalismo religioso, são de certa forma, “evitadas”. Com intuito de não confrontar as famílias, tal prática, acaba invisibilizando os sujeitos que sofrem esse tipo de preconceito, e isso é uma estratégia política de manutenção do poder.

De acordo com Freire et.al (1996 citado por Madureira, Barreto & Paula 2018), as discussões sobre os variados temas nas escolas são vistas como ameaçadoras, pois o conhecimento tem uma dimensão transformadora que é “potencialmente letal” para certas formas de pensamento hegemônico. Mas, a não discussão, a não compreensão da importância de abordar temáticas que envolvam qualquer tipo de preconceito, torna a escola uma verdadeira instância social produtora e reprodutora de processos excludentes. A educação é primordialmente a ponte entre permanecer no passado sombrio de escravidão, preconceitos e discriminação e o futuro de uma sociedade mais inclusiva, politicamente ativa e dialógica. (Madureira, Barreto & Paula 2018)

Portanto, é fundamental que mais pesquisas referentes ao contexto escolar sejam realizadas, visando o levantamento das necessidades tanto dos/as professores/as quanto dos alunos/as, a orientação e o acompanhamento da abordagem de temáticas relacionadas ao preconceito e à discriminação, preparando os/as profissionais da educação para lidar e responder às inúmeras questões e inquietações levantadas pelos/as alunos/as. Pois, de acordo com Marques & Castanho (2011) o processo de escolarização pode promover saltos qualitativos com relação a inserção social e cultural, e qualquer

empobrecimento dessa experiência escolar torna ainda mais inacessível o acesso desses sujeitos a dimensões fundamentais de sua própria cultura.

Importante também, não generalizar os resultados, mas entender que a partir deles e de várias pesquisas já realizadas no contexto escolar, é possível compreender essas dificuldades e incentivar ainda mais pesquisas e ações diretas visando à desconstrução dos preconceitos e estereótipos.

Diante de toda a discussão levantada é possível perceber o quanto a psicologia, e de forma mais específica a psicologia escolar, pode e deve se posicionar, assumindo como dever ético, o combate aos preconceitos, ajudando a transformar o contexto escolar em um ambiente de aceitação e valorização das diferenças, promovendo assim a inclusão.

Afinal, a escola tem o dever e a responsabilidade de transformar seu ambiente em um local de relações respeitadas, promovendo uma cultura de paz, colaborando efetivamente com a construção de uma sociedade mais consciente, inclusiva, autônoma e participativa.

Referências

- Barroco S. M. S. & Superti, T. (2014) *Vigotski e o estudo da psicologia da arte: Contribuições para o desenvolvimento humano*. Maringá-PR
- Bohoslavsky, R. H. (1997). *A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente de socialização*. Em M. H. S. Patto (Org.), *Introdução à psicologia escolar* (pp. 357-381). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carrara, S. (2009) *Educação, Diferença, Diversidade e Desigualdade*. In: *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo*. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM.
- Cordeiro, A. F.M e Buendgens, J. F (2012) *Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes do ensino médio*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 45-54.
- Demo, P. (2005) *Ética multiculturais: sobre convivência humana possível*. Petrópolis: Vozes [Introdução; Parte I – Uma sociologia das éticas, pp. 9-36].
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E.

- R Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Gusmão, N. M. M. (2003). *Os desafios da diversidade na escola*. Em N. M. M. Gusmão (Org.), *Diversidade, cultura e educação* (p. 83-105). São Paulo: Biruta.
- IBGE (2019) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional sobre acesso à cultura*. acesso em: 28 de set. de 2021. disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/ibge-diferenca-de-acesso-cultura-esta-relacionada-cor-e-regiao>
- Madureira, A. F. A. (2000). *A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012b). *As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola*. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. M. (2015). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as*. *Temas em Psicologia*, 23(3), 577-591.
- Madureira, A. F. A. (2016). *Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais*. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Arte e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57- 82). Curitiba: Juruá.
- Madureira, A. F. A.; Barreto, A. L. C. S. & Paula, L. D. (2018). *Educação, política e compromisso social: desconstruindo o mito da neutralidade pedagógica*. Em E. Tunes (Org.), *Desafios da educação para a psicologia* (pp. 137-153). Curitiba: CRV.
- Madureira, A. F. A. & Fonseca, J. V. C. (2020). *A Escola na Prevenção da Violência: a Transfobia em Discussão*. Em I. L. Fuhr (Org.), *Na Escola e na Vida Cotidiana* (pp. 97-110). Curitiba: CRV.
- Marmelstein, G. (2016) *Discriminação por Preconceito Implícito*. Acessado em: <https://www.academia.edu/DiscriminacaoPorPreconceitoImplícitoPRELIMINAR.pdf>

- Marques, P. B. & Castanho, M. I. S. (2011). O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15(1), 23-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/03.pdf>
- Mello, S. L. de. (1999). *A violência urbana e a exclusão dos jovens*. In: *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis: Vozes.
- Mello, S. L. (2014). *A violência urbana e a exclusão dos jovens*. Em B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 131-142). Petrópolis – RJ: Vozes
- Moreira, A. F. B. & Câmara, M. J. (2013). *Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica*. Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 38-66). Petrópolis - RJ: Vozes.
- Minayo, M.C.S. (2016). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis-RJ:Vozes (pp.76)
- Myers, D. G. (2014). *Preconceito: desgostar dos outros*. Em D. G. Myers, *Psicologia Social* (pp. 246-278). 10a ed. Porto Alegre: AMGH.
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). *Preconceito, estereótipo e discriminação*. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: ArtMed.
- Sawaia, B. B. (2014). *Identidade – Uma ideologia separatista?* Em B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 121-129). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Silva, M. C. (2004). *Arte e educação – na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar*. *Pro-posições* 15 (2), 187-199. Disponível em: <https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2253/44-artigos-cintradasilvasm.pdf>
- Sousa, V. L. T.; Dugnani, L. A.; Reis, E.C. (2018) *Psicologia da arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora*. <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v35n4/1982-0275-estpsi-35-04-0375.pdf>
- Tunes, E. (2013). *Tempo, educação e psicologia*. (p.11) Em: Tunes, Elizabeth (Org) *O Fio tenso que une a psicologia à educação*. - Brasília: Uniceub, 2013.
- Valsiner, J. (2012a). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.

Woodward, K. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução conceitual*. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis - RJ: Vozes.